

## NEM *PHYSIS*, NEM *PSYCHÉ*: O PAPEL DA ESTRUTURA NO REORDENAMENTO EPISTÊMICO DA PSICANÁLISE<sup>\*†</sup>

Gilson Iannini (UFOP)<sup>‡</sup>

[gilsoniannini@yahoo.com.br](mailto:gilsoniannini@yahoo.com.br)

**Resumo:** O principal objetivo deste trabalho é discutir o sentido do recurso de Lacan ao paradigma estrutural. A presente investigação enfatiza a função desse recurso no que tange as relações entre psicanálise e história das ciências. Freud, ao buscar estabelecer a identidade epistemológica da psicanálise precisou escolher entre *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*. Sua opção pelo modelo das ciências naturais implica certo desconforto epistemológico entre modelo e objeto. O recurso lacaniano à estrutura é uma estratégia de criar um novo espaço para a psicanálise no âmbito das ciências. A influência dos trabalhos de Koyré é determinante. Apenas uma ciência estruturalista poderia formular uma concepção não-psicologicista e não naturalista de sujeito. Isso se mostra particularmente no que concerne à categoria de causa.

**Palavras-chave:** Lacan, estrutura, psicanálise, história das ciências, Koyré.

*C'est pourquoi la psychanalyse comme science sera structuraliste, jusqu'au point de reconnaître dans la science un refus du sujet. (Lacan, Réponse à des étudiants en philosophie...)*

---

\* Artigo recebido em 3.6.2008 e aprovado para publicação em 23.10.2009.

† Agradeço ao CNPq e à FAPEMIG pelo apoio financeiro indispensável a esta pesquisa.

‡ Gilson Iannini é Professor-Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil.

## O ESTRUTURALISMO E “A NOVA ORDEM DAS CIÊNCIAS”

Muito se tem escrito e falado acerca das relações entre psicanálise e ciência. Mesclam-se reflexões de cunho epistemológico, clínico, político, etc. nas mais diversas proporções. Debates acerca da cientificidade ou não da psicanálise ecoam ainda mais fortemente no terreno ideológico, onde se trata de demarcar os espaços cativos dos diversos saberes “psi” diante do grande mercado da saúde mental. Nesses casos, infelizmente, muito pouco se acrescenta a um debate epistemológico sério, conseqüente. Isso porque tanto o ataque quanto a defesa costumam fazer não mais do que entoar palavras-de-ordem desatreladas, por um lado, de uma percepção mais acurada do estado atual da problemática epistemológica levantada pela tentativa de definir critérios de cientificidade e, por outro lado, surdas para as especificidades clínicas e teóricas do fazer psicanalítico.

O que me proponho a realizar neste trabalho é uma tarefa muito mais modesta e muito mais circunstanciada. Trata-se de estudar uma figura maior da recomposição das relações entre psicanálise e ciência efetuada por Lacan: o recurso ao paradigma da estrutura<sup>1</sup>. Mais precisamente, trata-se de colocar uma questão relativa ao âmbito da história recente das ciências: qual o papel da estrutura e do estruturalismo no reordenamento epistêmico da psicanálise?

Para os lacanianos, a problemática da ciência, em suas diferentes dimensões, perpassa internamente a teorização psicanalítica, de ponta a ponta, e o termo “ciência” funciona como uma espécie de fiel da balança que permite ora contrastar a especificidade da psicanálise em relação às ciências de matriz positivista, como as neurociências ou a psicologia cognitiva, ora permite demarcar a distância em

relação a outras disposições dos saberes, como a arte ou a religião. Se é verdade que muito se tem escrito sobre o impacto da ciência na subjetividade contemporânea e os reflexos clínicos disso, é igualmente verdade que muito pouco se tem falado acerca da visão lacaniana da *história das ciências*. Fato curioso na medida em que Lacan alimenta suas reflexões epistemológicas a partir de Koyré, um notável conhecedor e grande propagador daquela disciplina. Neste trabalho, buscarei apontar alguns delineamentos da leitura que *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* faz de um capítulo importante desta história.

Vale adiantar alguns cuidados preliminares que devemos ter para abordar o problema. Lacan vê a problemática d'A Ciência numa perspectiva não-historicista. A grafia em Caixa Alta e no singular estenografa isso (MILNER, 1996). A tese fundamental refere-se à idéia de 'cortes': um corte maior é, vale lembrar, um acontecimento que reordena a estrutura do saber vigente. Não implica, necessariamente, a postulação de categorias como evolução, progresso e demais noções de inspiração teleológica.

O termo 'história das ciências', na perspectiva da epistemologia francesa pós-bachelardiana, merece ainda algumas considerações. Em primeiro lugar, usa-se 'ciências' no plural, indicando que se trata de examinar os caminhos efetivamente tomados pelas diversas disciplinas científicas em suas positivities. Em segundo lugar, é preciso acrescentar a importância dada às discontinuidades: a história é vista como um processo descontínuo, onde as rupturas informam mais do que os períodos 'homogêneos', um pouco à maneira das revoluções de Kuhn.

A interpretação que Lacan faz do estruturalismo enquanto estratégia de pensamento inclui o modo como ele percebe as relações entre estruturalismo e a ciência, e, particularmente, o modo como percebe seu lugar na história das ciências. Jean-Claude Milner não cansa de afirmar que há uma teoria da ciência em Lacan e que essa teoria não é nada trivial e bastante completa. Essa teoria da ciência, ou, no mínimo, a concepção lacaniana de ciência, inclui uma visão de história das ciências, e, particularmente, do lugar que ocupam o estruturalismo e a psicanálise nesse contexto.

Eis o texto de Lacan que inspira a discussão a seguir:

A psicanálise desempenhou um papel na direção da subjetividade moderna, e ela não pode sustentá-lo sem ordená-lo pelo movimento que na ciência o elucida.

É esse o problema dos fundamentos que devem assegurar a nossa disciplina seu lugar nas ciências: problema de formalização, na verdade muito mal introduzido.

Pois parece que, retomados justamente por um capricho do espírito médico em oposição ao qual a psicanálise teve que se constituir, foi a exemplo dele, com um atraso de meio século em relação ao movimento das ciências, que procuramos ligar-nos a elas.

Objetivação abstrata de nossa experiência em princípios fictícios ou simulados do método experimental: aí encontramos o efeito de preconceitos cujo campo, antes de mais nada seria preciso limpar, se quisermos cultivá-lo segundo sua estrutura autêntica.

Praticantes da função simbólica, é espantoso que nos esquivemos de aprofundá-la, a ponto de desconhecer que é ela que nos situa no cerne do movimento que instaura uma nova ordem das ciências, com um novo requestionamento da antropologia.

Essa nova ordem não significa nada além de um retorno a uma noção de ciência verdadeira que já tem seus títulos inscritos numa tradição que parte do Teeteto (LACAN, 1998, p. 285 [283-284])<sup>2</sup>

A ‘função simbólica’, que pretende ser, pois, uma alternativa tanto a uma abordagem *naturalista* quanto a uma abordagem *psicologista*, situa-nos no centro do movimento

que instaura uma “nova ordem das ciências” (LACAN, 1998, p. 285 [283-284]). Que movimento é esse? Que nova ordem é essa? Qual o papel da ‘função simbólica’ nesse contexto?

A partir da estrutura, Lacan consegue formalizar um problema que Freud teria deixado em aberto. Com efeito, o mestre vienense enfrentou a questão da cientificidade da psicanálise com os termos em que se colocava a questão da cientificidade em geral em seu tempo. Teve que se posicionar frente à ‘querela dos métodos’, mesmo que fosse para recusá-la, tendo que escolher entre *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*.

Freud aproxima, num passo audacioso, a psicanálise das *Naturwissenschaften*, criando uma situação que poderíamos caracterizar como *desconforto epistemológico da psicanálise*<sup>3</sup>. Teve, então, que se posicionar frente ao movimento positivista. Mostrarei como, ao recusar os termos da questão e optar por relacionar o problema da cientificidade apenas ao corte propiciado pela emergência da ciência moderna, Lacan pôde colocar o problema da cientificidade da psicanálise sem se embarçar pelas contendas que as perspectivas positivista e historicista implicam.

Em seguida, tentaremos indicar como a ‘estrutura’ permite algo como um reordenamento epistêmico da psicanálise.

## FREUD, A QUERELA DOS MÉTODOS E O POSITIVISMO

‘Oh, inch of nature !’

(Freud, O mal estar na cultura<sup>4</sup>)

A querela dos métodos é aproximadamente contemporânea do surgimento da psicanálise. Surgida um pouco antes, na

segunda metade do século XIX, ela ganha seu estatuto teórico com Dilthey, a partir da publicação em 1883 da *Introdução às ciências do espírito*. No alvorecer do pensamento de Freud, a querela está em plena efervescência. E continua viva durante toda a constituição dos conceitos fundamentais da psicanálise. De modo muito especial é sentida na Alemanha, único país a viver verdadeiramente o que se poderia chamar de uma experiência hermenêutica (FREUND, s/d, p. 129). As universidades germânicas puderam acolher o debate em toda sua profundidade e extensão. Apesar de não pretendermos aqui entrar nos pormenores deste debate, será preciso descrever as linhas gerais de seu desenvolvimento.

Com a emergência das ‘ciências humanas’, no século XIX, surge o problema do estatuto a ser conferido a elas. De uma maneira muito esquemática, pode-se caracterizar duas atitudes básicas. Uma pode ser bem representada por Dilthey ou por Jaspers (dualismo epistemológico), outra por Comte ou pela escola fisicalista alemã de Helmholtz (monismo epistemológico). Um breve exame da situação do problema é suficiente para mostrar como o estruturalismo, na visão de Lacan, supera essa dicotomia.

Dilthey é o primeiro pensador a conceber uma epistemologia para as ciências do homem autônoma em relação à epistemologia das ciências da natureza. Assim, é a heterogeneidade entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften* que alimenta sua reflexão. Heterogeneidade esta determinada pelo objeto do qual se ocupam. As ciências da natureza se ocupariam de uma parte da realidade, de um lote da vida, que o homem não criou: os planetas, os corpos celestes e terrestres, as plantas e a

terra, o corpo humano e seus órgãos, o movimento: *o que é* desde sempre, aquilo que seria independente da intervenção humana. Por permanecer idêntica a si mesma, a natureza pode ser medida, calculada. Fundadas na observação e na experiência, as ciências naturais teriam garantido seu estatuto. Da física matematizada se tomariam de empréstimo os modelos de rigor e cientificidade. Já as ciências do espírito<sup>5</sup> se ocupariam do meio prático da vida, do mundo criado, habitado e transformado pelo próprio homem, isto é, as sociedades, a história e os indivíduos. Morada do tempo, lugar do devir, o objeto das *Geisteswissenschaften* seria, na visão de Dilthey, irreduzível à álgebra ou à geometria. Categorias como historicidade, significação e interpretação, advindas seja da história, da filologia ou da teologia, passam a ser alternativas à ‘rigidez’ do modelo matemático.

Por conseguinte, é a partir da definição do *objeto* da ciência, isto é, a partir de sua sustentação ontológica, que Dilthey distingue ciências da natureza e ciências do espírito. Já para Jaspers a antinomia se dá basicamente no terreno dos métodos. É bastante conhecida a fórmula: *explicação* para a natureza, para o espírito *compreensão*. Para cada objeto um método, para cada método um objeto. Não é preciso dizer que Lacan considera ‘nefasta’ esta antinomia e nunca poupou críticas ao estatuto conferido por Jaspers à compreensão (LACAN, 1998, p. 651). Esta é a razão de fundo da repetida recomendação lacaniana “comecem por não compreender!” Quer dizer, é preciso tomar distância da miragem imaginária inerente à perspectiva da intersubjetiva da compreensão, que engendra, necessariamente, um jogo de espelhos na dança dos espíritos. Mas o espectro da compreensão e toda a ganga hermenêutica que subjaz a ele inci-

dem não apenas na dimensão clínica, mas ainda em impasses epistêmicos. E isso porque afasta a possibilidade de uma formalização de inspiração matemática, ao elevar a figura do sentido a *télos* da apreensão do real. Com efeito, o projeto de uma álgebra do campo psicanalítico sempre se-  
duzira Lacan. O que Dilthey e Jaspers defendem implica numa suposta incompatibilidade entre o modelo matemático da ciência moderna e o objeto não-natural das “ciências humanas”.

A outra atitude básica frente ao problema da cientificidade das ciências humanas no século XIX pode ser representada, na Alemanha, pela escola fisicalista e, na França, por Comte. O juramento fisicalista, pedra angular da escola helmholtziana, pode ser reduzido a seu postulado fundamental “que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo” (ASSOUN, 1983, p. 54). Paul-Laurent Assoun examina com riqueza de detalhes as relações entre Freud e a tradição positivista alemã. Freud, conforme precisa Assoun, não escolhe ciências da natureza *contra* ciências do espírito. Ele recusa a questão. Quer mostrar que a alternativa não existe; que *Naturwissenschaft = Wissenschaft*. Sua insistência um pouco teimosa em rotular sua ciência de *Naturwissenschaft* decorreria da espontaneidade de sua prática científica. Não obstante, é difícil avaliar qual o estatuto destas asserções freudianas. Principalmente se levarmos em conta que a obra efetivamente produzida por ele escapa a maior parte do tempo da maioria dos constrangimentos impostos pelo fisicalismo. Poderíamos arriscar a dizer que a psicanálise é, para Freud, *uma ciência da natureza sem natureza*.



Na perspectiva de Lacan, mais do que contingente, a posição epistemológica de Freud lhe é essencial. É graças a ela que, por exemplo, a psicanálise está salvaguardada das críticas de inspiração marxista que tentariam reduzir a doutrina de Freud às condições históricas de sua elaboração. A despeito do contexto histórico que poderia arruinar a descoberta freudiana – dupla monarquia, judaísmo, capitalismo e ética burguesa –, o pensamento de Freud está a salvo, na justa medida em que operaria com o sujeito da ciência (LACAN, 1998, p. 872 [858]), ainda que esse sujeito não estivesse completamente formalizado. O tratamento dado ao sujeito situa-se em um nível no qual toda substancialidade e toda interioridade foram devidamente esvaziadas. É porque estava desobrigado do *sentido*, como precipitado imaginário de trocas intersubjetivas, que Freud se furtou a apenas descrever a interioridade, historicamente determinada, da subjetividade. Se o sujeito freudiano subsiste às rupturas históricas pelas quais o século XX passou, inclusive a reviravolta da moral sexual, é porque ele havia sido formulado em sua estrutura.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (LACAN, 1998), mormente na passagem que nos interessa, Lacan não se interessa em discutir a relação de Freud com o positivismo alemão. Talvez por considerar que este soubera superar a contento as diatribes que seu tempo enfrentava. O que não seria o caso para seus “seguidores”, que, não raro se teriam deixado seduzir pelo porto seguro da promessa positivista. O texto concentra, então, seu arsenal contra a filosofia positiva de Comte. É bastante conhecida a teoria comteana dos três estágios. O pensamento humano passaria, inevitavelmente, por três momentos: o estágio *teo-*

*lógico*, o *metafísico* e o *positivo*. Apenas as ciências naturais teriam atingido o cimo dessa evolução. Também é bastante conhecida sua hipótese acerca da hierarquia das ciências: a sociologia estaria no topo, sendo a mais alta, a mais importante. Não obstante, Comte crê que a sociologia estaria ainda, do ponto de vista de sua evolução, no estágio metafísico. Ele próprio estaria tentando fazer esta difícil passagem para a era positiva da sociologia. Mas o que de fato ocorre, é justamente o inverso:

Essa noção [de ciência verdadeira] se degradou, como se sabe, na inversão positivista que, colocando as ciências do homem no coroamento do edifício das ciências experimentais, na verdade as subordinou a estas. Essa noção provém de uma visão errônea da história da ciência, baseada no prestígio de um desenvolvimento especializado dos experimentos (LACAN, 1988, p. 285 [283-284]).

Por isso, continua, estaríamos obrigados a “revisar a classificação das ciências que conservamos do século XIX, num sentido que os espíritos mais lúcidos denotam claramente” (LACAN, 1998, p. 285 [284]).

Essa visão errônea da história das ciências pode ser consertada, sugere Lacan, pela leitura de Koyré. Os estudos de Koyré mostram exatamente como o principal motor da revolução científica dos séculos XVI-XVII está longe de ser algo como a vitória da observação sobre a teoria, da vida ativa sobre a contemplativa, etc. O artigo intitulado “Uma Experiência de Medida”, citado em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (LACAN, 1998), trata do papel da *teoria*, em oposição à *experiência* na revolução científica. Perseguindo seu incansável objetivo de refutar interpretações de tendência empirista da ciência, positivismo *compris*, Koyré mostra como a *introdução da medida no real* depende

da passagem do mundo qualitativo da ciência aristotélica ao mundo arquimediano da ciência galileana. Em outras palavras, “o que é exatamente a mesma coisa –substituindo o mundo do mais ou menos (...) por um *Universo de precisão*” (KOYRÉ, 1982, p. 272). Como não lembrar de *Subversão do Sujeito*: “as condições de uma ciência não poderiam ser o empirismo”? (LACAN, 1998, p. 809).

A concepção lacaniana de ciência, motivada amplamente pelos trabalhos de Koyré, tende a caracterizar a ciência como um dispositivo no qual a certeza se apóia apenas na consistência significante. O Galileu de Koyré, e em seu enalço o de Lacan, é platônico: a possibilidade de formalização matemática ou simbólica do real depende deste gesto fundamental que consiste em pensar a realidade estruturada a partir de formas. Não por acaso, Lacan refere a tradição que remonta ao *Teeteto*. Pela mesma razão, em “Ciência e verdade”, caracteriza o modo de refração da verdade como causa na ciência como sendo a causa formal, na melhor esteira de uma ciência galilaico-platônica como quis Koyré.

Nas palavras de Lacan:

Pois só a história da ciência pode aqui ser decisiva, e ela é fulgurante ao demonstrar, ao dar à luz a teoria da gravitação, que foi somente a partir do extermínio de qualquer simbolismo dos céus que se puderam estabelecer as bases, na terra, da física moderna, isto é: que, de Giordano Bruno a Kepler e de Kepler a Newton, por tanto tempo se manteve uma exigência de atribuição de uma forma “perfeita” às órbitas celestes (na medida em que implicava, por exemplo, a preponderância do círculo sobre a elipse), que essa exigência criou um obstáculo ao surgimento das equações mestras da teoria (LACAN, 1998, p. 719 [711-712]).

## O LUGAR DO ESTRUTURALISMO

A fim de revisar a classificação das ciências construída no século XIX, Lacan arrisca mais alguns passos no terreno da história das ciências. Este ponto é fundamental. É aqui que o estruturalismo é visto como aquele movimento que “instaura uma nova ordem nas ciências” (LACAN, 1998, p. 285). Com efeito, a lingüística teria alcançado um inconteste estatuto de cientificidade:

Basta acompanharmos a evolução concreta das disciplinas para nos apercebermos disso.

A lingüística pode servir-nos neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes (LACAN, 1998, p. 286 [284])

A lingüística é guia: acompanhando os desenvolvimentos concretos da disciplina lingüística será possível descobrir que as aporias com as quais certos psicanalistas se embarçam não são exclusivas da psicanálise. Também a lingüística e a etnologia se viram diante de aporias da mesma natureza, dissolvidas quando o ponto de vista da estrutura pôde prevalecer. Note-se como Lévi-Strauss fizera isso diversas vezes, quando comparou a etnologia e a lingüística quanto a seus impasses e soluções: preocupação dos neogramáticos e dos etnólogos do século XIX com origem e causa, etc... A lingüística é, dizíamos, guia. Em *A instância da letra*, lemos:

Pois aí está o fato pelo qual a lingüística se apresenta em posição piloto nesse domínio em torno do qual uma reclassificação das ciências assinala, como é de regra, uma revolução do conhecimento (LACAN, 1998, p. 499 [496]).

A lingüística como ciência piloto, em Lacan, não implica em um modelo de formalização exterior à psicanálise;

nem em uma outra ciência como fonte que empresta conceitos e normas de construção de conceitos e que, como conseqüência, fique na posição de legislar sobre a utilização desses empréstimos<sup>6</sup>. Sobretudo, a lingüística funciona como um modelo de como superar velhas dicotomias e inaugurar um novo campo discursivo; de como formar novos objetos teóricos, dispositivos de formalização e conceitualização para investigá-los. Em resumo, a lingüística estrutural mostra que é possível formular para objetos não-naturais um método de formalização tão rigoroso quanto o de um Galileu ou de um Newton. Esse método decorre do processo de redução estrutural que culmina na literalização do real, exemplificado nas figuras do fonema (Jakobson), do mitema (Lévi-Strauss) e do significante (Lacan).

Mas isso não quer dizer que aqueles objetos, aqueles conceitos e aquelas regras serão importadas sem mais. Ou, no caso de importações, empréstimos ou derivações, não implica qualquer tipo de subordinação. Mesmo que muitas vezes os étimos epistemológicos de alguns conceitos lacanianos remontem à lingüística estrutural – como o caso da estrutura e do significante, por exemplo – isso não significa que para cada conceito importado corresponda algum tipo de compromisso teórico. Por isso era necessário marcar a especificidade do campo psicanalítico. Para que uma abordagem estrita do campo pudesse se beneficiar dos “aparelhos” formais disponíveis desde então. Um conceito importado funciona como vetor num campo de forças previamente determinado, embora a introdução desse novo vetor possa – e mesmo deva – culminar num rearranjo do jogo de forças iniciais.

Tanto quanto campo indutor de conceitos, interessa a Lacan em que medida a lingüística estrutural consegue superar certas dicotomias, forjar um espaço próprio. Por exemplo, a dicotomia entre ciências humanas e ciências naturais: sua superação articula, no mesmo golpe, um objeto não-natural (a linguagem) a um método de visada matemática. Coisa que nem Dilthey, nem Jaspers, nem Helmholtz e nem Comte sonhariam... Nem mesmo Freud.

Mas talvez a principal novidade de Lacan, no tocante à história do estruturalismo nas ciências, seja articular esta ‘nova ordem nas ciências’, motivada pela emergência do estruturalismo na lingüística, ao papel desempenhado pela psicanálise na ‘subjetividade moderna’. É o que confirma o texto de Roma. Nele se articulam, numa passagem translúcida, todos os problemas em jogo: ‘matematização’ como garantia do *rigor formal*, na figura de uma ‘redução estrutural’. Esta redução nos leva à *função simbólica*, que nos conduz a Lévi-Strauss e, principalmente, às *fontes subjetivas da função simbólica*, isto é, a Freud; em suma, uma matemática de qualidades que nos leva, pela vertente da estrutura, aos fundamentos da psicanálise inscrevendo-a no universo da ciência. Em outras palavras,

A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do fonema, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica.

E a redução de todas as línguas ao grupo de um número pequeníssimo dessas oposições fonêmicas, dando início a uma formalização igualmente rigorosa de seus mais elevados morfemas, coloca a nosso alcance uma abordagem estrita de nosso campo.

Cabe a nós com ela nos aparelharmos para encontrar aí nossas incidências, como faz já, por estar numa linha paralela, a etnografia decifrando os mitos segundo a sincronia dos mitemas.

Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente? (LACAN, 1998, p. 286 [284-285]).

### LIBERA NOS, DOMINE...

Todo esse percurso nos mostra então como o paradigma da estrutura permite recusar de um lado o *psicologismo*, de outro lado o *naturalismo* como esquemas formais da subjetividade, e como o estruturalismo pode ser tomado como uma alternativa a essa dicotomia. O primeiro passo consiste em fornecer um conceito de estrutura como condição epistemológica para a formalização de uma teoria *não-psicologicista* e *não-naturalista* do sujeito. Lacan completa este passo em um artigo que responde à antinomia proposta por Lagache entre uma estrutura enquanto modelo teórico distante da experiência e uma estrutura aparente na superfície do fenômeno. Pois essa antinomia negligenciaria um modo de estrutura que,

por ser terceiro, não deve ser excluído, ou seja, os efeitos que a combinatória pura e simples do significante determina na realidade em que se produz. Pois, é ou não o estruturalismo aquilo que nos permite situar nossa experiência como o campo em que isso fala? Em caso afirmativo, ‘a distância à experiência’ da estrutura desaparece, já que opera nela não como modelo teórico, mas como a máquina original que nela põe em cena o sujeito (LACAN, 1998, p. 655 [649]).

Seria preciso destrinchar em que sentido o estruturalismo permite situar a experiência psicanalítica como o campo em que “isso fala”, a fim de entender a definição

propriamente lacaniana de estrutura como máquina que põe em cena o sujeito. Esse passo nos habilitaria a ver como a estrutura é pensada enquanto condição do sujeito, o que por si só basta para mostrar toda a especificidade da estrutura lacaniana, fruto de uma longa elaboração em seu ensino. Pouco antes do lançamento de seus *Écrits*, entre os dias 18 e 21 de outubro de 1966, em Baltimore (EUA), onde teve lugar um simpósio internacional intitulado *As linguagens da crítica e as ciências do homem*, Lacan afirma:

Primeiramente, permitam-se fornecer alguns conselhos sobre estruturas, que é o tema deste nosso encontro. É possível que venham a ocorrer erros, confusão, usos cada vez mais aproximativos desta noção, e penso que logo vai haver um certo modismo em torno desta palavra. No meu caso é diferente, pois emprego esse termo há muito tempo – desde o início de meu ensino (LACAN, 1976, p. 187).

E continuará a usar ainda durante bastante tempo, mais do que reza uma certa vulgata lacaniana. É certo que a própria noção de estrutura irá sofrer uma grande remodelação, tanto quanto seu lugar no interior da arquitetura do pensamento de Lacan. Mas o sério da estrutura perdura por bem mais tempo do que se costuma imaginar, e justamente porque o estruturalismo é “la prise au sérieux” (LACAN, 2006, p. 14). É certo que, cada vez mais, a estrutura será definida muito simplesmente como condição de toda série, de toda cadeia, justamente porque permite pensar uma ordem de causalidade pertinente à matéria da psicanálise. Que se chame isso de estruturalismo ou não, para Lacan, pouco importa (LACAN, 2006, p. 31). A batalha travada nas décadas de 50 e de 60 estava ganha.

**Abstract:** The main aim of this paper is to discuss the meaning of Lacan’s uses of the structural paradigm. The investigation will emphasize the



function of this use in terms of relations between psychoanalysis and history of sciences.

**Keywords:** Lacan, structure, psychoanalysis, history of sciences.

## NOTAS

- 3 Sigo aqui a sugestão de Milner de distinguir o programa de pesquisa estruturalista e o movimento de opinião que dele resultou (MILNER, 2002).
- 4 Para os *Escritos* de Lacan, a seguinte convenção será adotada: *adicionar-se-á, sempre que necessário, entre colchetes, as páginas correspondes da edição francesa original.*
- 5 Ver IANNINI, G. “Sobre o desconforto epistemológico da psicanálise”. In: Marzagão, L. et alli. *Psicanálise e Universidade: Temas conexos*. Belo Horizonte: Passos, 1999.
- 6 Segundo James Strachey, a citação de Freud, em inglês no original, refere-se a George Wilkins (*The painful adventures of Pericles Prince of Tyre*). Seriam palavras dirigidas por Péricles a sua filha de colo (cf. Freud, S. *O Mal-estar na civilização*, p. 111).
- 7 Não faremos, para simplificar, nenhuma distinção entre ciências do espírito, ciências humanas ou ciências sociais. Para os fins a que nos propomos, basta a oposição em relação às ciências ditas naturais.
- 8 Foi o que Georges Mounin (e depois dele Sokal e Bricmont) não foi capaz de perceber. Ver “*Quelques traits do style*” de Jacques Lacan, in: *Introduction à la sémiologie*. Paris : Minuit, 1970.

## REFERÊNCIAS

ASSOUN, P-L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

FREUND, J. *A teoria das ciências humanas*. Lisboa: F. Sociocultur, s/d.

KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento científico*. Brasília: Forense Universitária, 1982.

LACAN, J. Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer. In: MACKSEY, R. & DONATO, E. *A controvérsia estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem*. São Paulo: Cultrix, 1976.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998

LACAN, J. D'un Autre à l'autre (livre XVI). In : *Le séminaire*. Paris: Seuil, 2006.

MILNER, J-C. *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

\_\_\_\_\_. *Le périple structural*. Paris: Seuil, 2002